
Chronicas dos tempos coloniaes

O Militarismo em S. Paulo

I

A outra calamidade que por mais de um seculo affligiu os paulistas, foram o militarismo forçado e a falta de pagamento dos soldos daquelles que eram pelo governo colonial arrastados a seguir a carreira das armas.

Todos os homens validos eram militares e por isso, comquanto a população da capitania fosse pequena e muito esparsa, a força armada tornou-se enorme no seculo XVIII e esteve sempre muito acima das necessidades da segurança publica e dos recursos financeiros da capitania.

Em todas as villas e freguezias havia corpos organisados de soldados de ordenança e de milicia, a pé e a cavallo, especie de guardas nacionaes do tempo, militarizados, e com officiaes regulares hierarchicos, cabos, sargentos do numero e supranumerarios, alferes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coroneis, sargentos-móres, coroneis e mestres de campo com seus ajudantes de ordens. Os capitães-móres eram officiaes de mi-

licia, mas tinham funções civis e exerciam nas villas as attribuições dos actuaes delegados de policia, sem outras restricções que não fossem os seus caprichos, limitados sómente pelos dos capitães-generaes, supremos governadores da capitania.

Indicados pelas camaras municipaes, os capitães-móres recebiam dos capitães-generaes a investidura do cargo por tempo illimitado e o exerciam como senhores de baraço e cutello. O coronel Francisco Correa de Moraes foi capitão-mór de Porto-Feliz por um quarto de seculo, de 1797 a 1822, e Vicente da Costa Taques Goes e Aranha exerceu egual cargo em Ytú durante quasi meio seculo, de 1777 a 1822.

Ambos eram paulistas, pertenciam ás mais distintas familias da capitania e foram dos menos violentos capitães-móres que tivemos. Entretanto, o primeiro destes senhores, que recusou o cargo de membro do Governo Provisorio de S. Paulo em 1823, reformou-se como coronel, levado em parte pela sua avançada idade e em parte porque, *juradas as bases da constituição portugueza em 1821*, as quaes limitavam a auctoridade governamental e davam certos direitos aos cidadãos, *elle não podia mais metter no tronco cidadãos livres e não sabia mais como sustentar o prestigio da auctoridade, a força moral do poder*; emquanto o ultimo, Vicente Taques, se conservou sempre partidario intransigente do absolutismo e foi um inimigo acerrimo de Feijó, a quem denunciava como «revolucionario e cheio de idéas perigosas de liberdade».

Além da milicia havia ainda na capitania, em numerosos corpos formados em todas as villas, a força activa dos *Auxiliares*, a dos *Voluntarios Reaes*, a dos *Uteis*, a dos *Aventureiros*, a dos *Houssards*, a dos *Ser-*

tanejos, a dos *Dragões*, a dos *Fuzileiros*, a dos *Caçadores* e tropas regulares de 1ª e 2ª linha.

Sobre todas estas e tambem sobre os milicianos, pesaram em varios tempos todos os serviços das longas guerras contra os hespanhóes no Sul até 1829, das guarnições desta capital, de Santos, de Paranaguá, do Desterro e da Laguna, das expedições contra os quilombolas e contra os payaguás e outros índios, das guardas das minas de Goyaz e de Matto-Grosso e dos numerosos registros ou barreiras existentes nas estradas para os sertões, da fundação e defesa das colonias paulistas de Lages e de Yguatemy, e de parte dos socorros enviados ao Rio de Janeiro para a defesa daquelle cidade contra as tropas portuguezas revoltadas sob o commando do general Jorge Aviliez.

A capitania de S. Paulo, quando não estava envolvida em guerra aberta contra os hespanhóes nas fronteiras do Sul ou contra os índios do interior, era sempre mantida em pé de guerra e vivia sob o regimen da paz armada.

Cerca de um vigesimo do povo estava em serviço militar mais ou menos activo (1), ou nos quartéis, e para uma população de cem mil almas mantinha a capitania um exercito de cinco mil homens, sem contar a reserva miliciana que podia ser chamada ao primeiro aviso. Entretanto, não havia fardamento para tanta gente, as armas eram ruins, quasi imprestaveis, as munições e petrechos bellicos em pequena quantidade e

(1) Em 1777 a população da capitania não passava de 130.000 almas e nesse anno havia em S. Paulo pelo menos 7.000 homens em armas e em serviço activo. Vide adiante o *Plano* para a remessa de tropas para o Sul.

de inferior qualidade e os moços ricos que desejavam seguir a carreira militar tinham de fardar e armar a sua custa os corpos que pretendiam commandar.

As mulheres em todas as povoações da capitania eram mais numerosas do que os homens, desfalcados como se achavam estes pelas guerras, pelas expedições ao sertão e pelas doenças oriundas dos rudes trabalhos e da pessima hygiene a que os militares e os mineiros estavam sujeitos, quer nos campos do Sul, quer no isolamento das barreiras das estradas, quer nos sertões de Goyaz e de Matto-Grosso.

O alimento das tropas era em regra composto de feijão quasi sempre ardido por mal enxuto e mal conservado, de farinha de milho quasi sempre mofada e azeda por mal fabricada e mal torrada, e de toucinho quasi sempre rançoso por mal salgado em consequencia da continua carestia e dos altos preços do sal. Pinhão assado e cosido, palmito e mel completavam o sustento daquellas que estavam nos sertões e mais a carne sem condimento de alguma caça que era apanhada.

O padre Ramos Louzada, vigario de Yguatemy (1), tendo sido eleito governador daquela praça pelo povo em revolta, soffreu dezoito annos de rigorosa prisão nos calabouços da fortaleza de Santos porque, *dispondo ainda de alguma farinha*, capitulára com cento e dezeseis soldados da guarnição deante uma numerosa força de hespanhóes!

Para subtrahirem os seus filhos á voragem do militarismo, as classes pobres e plebéas fugiam para as mattas, longe dos povoados, preferindo lutar com as

(1) Vide vol. IX, pags. 160 a 164, do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

febres palustres, com os indios, com as feras e com a miseria a se haverem com os delegados do governo colonial portuguez.

O capitão-general D. Luiz Antonio de Souza, escrevendo ao marquez de Pombal, explicava este facto a seu modo, dizendo que esta fugida para o sertão era em busca de mattas virgens para o cultivo de generos alimenticios, que eram produzidos mais facilmente e com mais abundancia em terras novas; e accrescentava:

«O primeiro inconveniente que se segue ao ser-
«viço de Deus e de Sua Magestade e ao bem commum
«é o da falta de Religião, sendo certo que onde se falta
«á Deus, que é o Creador de tudo, o Summo Bem, e
«a fonte de toda a felicidade, não póde haver cousa
«bôa e só para se não cahir neste erro se deveriam
«arriscar todas as conveniencias do mundo, quanto mais
«seguindo-se della a mesma miseria que essa gente ex-
«perimenta (1).

«O segundo inconveniente é o da falta da socie-
«dade, pois sendo esta a principal das obrigações civis
«se acha totalmente arruinada e caminha a passos largos
«para o precipicio, levando atraz de si a ruina de todo
«o Estado, porque consistindo ella na união com que
«os homens se ajudam uns aos outros, nada é tanto
«contra essa união como esta debandada para o sertão.

«O terceiro inconveniente é o da falta de justiça,
«porque vivendo os homens fóra de povoado, mettidos
«pelos mattos, sem ouvirem mais do que sua familia,

(1) Si essa gente mettia-se pelos mattos em busca de terras novas e mais productivas, não devia experimentar esta miseria.

«faltos de instrucção, de doutrina e até dos primeiros
«princípios da nossa Fé, que hão de ser sinão peores
«do que feras, porque estas por falta de aptidão e de
«discurso podem fazer um damno semelhante, mas os
«homens dotados de talento, abandonados á lei da na-
«tureza e criados entre as brenhas, como feras, são ca-
«pazes de outros maiores damnos; e quando não o fa-
«zem se não póde esperar delles utilidade alguma, nem
«para o reino do Céu, nem para o de Sua Mage-
«tade.

«*Eu falo da maior parte do povo desta capitania que*
«*vive assim por este modo* e não daquelles filhos do reino
«que tem casas de negocio, fazendas e lavras, nem da-
«quelles fidalgos paulistas que se conservam com o seu
«modo de vida, a maior parte do tempo em povoado,
«pois é certo que estes tem toda a civilidade que se
«requer.

«Mas isto não tem proposito; os homens atraz do
«matto virgem cada vez se vão alongando mais da so-
«ciedade civil e os mesmos que já foram civilizados
«pouco a pouco hão de perder a doutrina que appren-
«deram e se hão de ir assimilando ao gentilismo que
«deixaram».

Depois de discorrer sobre a fundação das villas
existentes, sobre o seu pequeno numero e pouco des-
envolvimento e sobre o costume de não se desobriga-
rem os povos pela confissão na quaresma e de se bap-
tಿಸarem os filhos já adultos, continúa o capitão-ge-
neral :

«Este costume de viverem dispersos, mettidos pelas
«roças, tem feito habito de sorte que só fazem gosto
«da solidão e para ella fogem. Si alguem, fazendo via-
«gem, encontra por acaso um destes, ou lhe foge ou
«fica tão assustado e preocupado que nem o chapéo

«lhe tira, e si lhe diz a minima palavra desconfia e «mata logo».

Por este quadro, desenhado com as mais negras côres pela penna insuspeita do mais habil capitão-general que S. Paulo jámais teve, vemos a que estado de brutal selvageria estavam reduzidas as populações paulistas em 1770, depois de dois seculos e meio de dominio colonial portuguez! (1).

E estes embrutecidos e timidos roceiros eram em bôa parte os rebentos de Tebiriçá e de Piquiroby, de João Ramalho e de Antonio Rodrigues, que de braços abertos receberam os portuguezes em S. Vicente e tanto os auxiliaram na fundação da capitania de S. Paulo e na defesa desta capital contra os ataques das tribus confederadas que tinham resolvido a destruição da villa ainda nascente.

Eram tambem em grande parte os descendentes daquelles intrepididos bandeirantes que, com Antonio Raposo e Manoel Preto, tinham destruido as missões hespanhólas do Goyará e restaurado o dominio portuguez nas extensas regiões do Yvahy e do Paranapanema; que, com o mesmo Antonio Raposo, foram expulsar os missionarios castelhanos de Matto-Grosso, dar combate aos hespanhóes sobre os Andes e se banhar nas aguas do Oceano Pacifico; que, com Luiz Pedroso de Barros, cortaram a America de oceano a oceano e foram ainda medir a força das suas armas com os hespanhóes do Perú; que, com Pedroso Xavier e Campos Bicudo, invadiram o Paraguay e de lá trouxeram ricos despojos;

(1) Os *Puritanos* inglezes desembarcaram nos Estados em 1620 e em 1776, sómente 156 annos depois, estavam em condições de fazer a independencia do paiz contra a Inglaterra!

«faltos de instrucção, de doutrina e até dos primeiros
«pricipiões da nossa Fé, que hão de ser sinão peores
«do que feras, porque estas por falta de aptidão e de
«discurso podem fazer um damno semelhante, mas os
«homens dotados de talento, abandonados á lei da na-
«tureza e criados entre as brenhas, como feras, são ca-
«pazes de outros maiores damnos; e quando não o fa-
«zem se não póde esperar delles utilidade alguma, nem
«para o reino do Céu, nem para o de Sua Mage-
«tade.

«*Eu falo da maior parte do povo desta capitania que*
«*vice assim por este modo* e não daquelles filhos do reino
«que tem casas de negocio, fazendas e lavras, nem da-
«quelles fidalgos paulistas que se conservam com o seu
«modo de vida, a maior parte do tempo em povoado,
«pois é certo que estes tem toda a civilidade que se
«requer.

«Mas isto não tem proposito; os homens atraz do
«matto virgem cada vez se vão alongando mais da so-
«ciedade civil e os mesmos que já foram civilizados
«pouco a pouco hão de perder a doutrina que appren-
«deram e se hão de ir assimilando ao gentilismo que
«deixaram».

Depois de discorrer sobre a fundação das villas
existentes, sobre o seu pequeno numero e pouco des-
envolvimento e sobre o costume de não se desobriga-
rem os povos pela confissão na quaresma e de se bap-
tisarem os filhos já adultos, continúa o capitão-ge-
neral:

«Este costume de viverem dispersos, mettidos pelas
«roças, tem feito habito de sorte que só fazem gosto
«da solidão e para ella fogem. Si alguem, fazendo via-
«gem, encontra por acaso um destes, ou lhe foge ou
«fica tão assustado e preocupado que nem o chapéo

«lhe tira, e si lhe diz a minima palavra desconfia e mata logo».

Por este quadro, desenhado com as mais negras côres pela penna insuspeita do mais habil capitão-general que S. Paulo jámais teve, vemos a que estado de brutal selvageria estavam reduzidas as populações paulistas em 1770, depois de dois seculos e meio de dominio colonial portuguez! (1).

E estes embrutecidos e timidos roceiros eram em bôa parte os rebentos de Tebiriçá e de Piquiroby, de João Ramalho e de Antonio Rodrigues, que de braços abertos receberam os portuguezes em S. Vicente e tanto os auxiliaram na fundação da capitania de S. Paulo e na defesa desta capital contra os ataques das tribus confederadas que tinham resolvido a destruição da villa ainda nascente.

Eram tambem em grande parte os descendentes daquelles intrepididos bandeirantes que, com Antonio Raposo e Manoel Preto, tinham destruido as missões hespanhólas do Goyará e restaurado o dominio portuguez nas extensas regiões do Yvahy e do Paranapanema; que, com o mesmo Antonio Raposo, foram expulsar os missionarios castelhanos de Matto-Grosso, dar combate aos hespanhóes sobre os Andes e se banhar nas aguas do Oceano Pacifico; que, com Luiz Pedroso de Barros, cortaram a America de oceano a oceano e foram ainda medir a força das suas armas com os hespanhóes do Perú; que, com Pedroso Xavier e Campos Bicudo, invadiram o Paraguay e de lá trouxeram ricos despojos;

(1) Os *Puritanos* inglezes desembarcaram nos Estados em 1620 e em 1776, sómente 156 annos depois, estavam em condições de fazer a independencia do paiz contra a Inglaterra!

que, com os Brito Peixoto, fundaram a villa da Laguna e exploraram as campinas do Sul até o Rio da Prata; que, com Estevão Baião e Maciel Parente, foram dōmar numerosas tribus de indios ferozes desde o Reconcavo da Bahia até os sertões do Piahy e do Maranhão; que, com Raposo Tavares, tanto contribuíram para a expulsão dos hollandezes de Pernambuco e restauração do dominio portuguez; que, com Domingos Jorge, foram até ás Alagôas dar cabo do mysterioso e lendario imperio de Zumbi nos Palmares; que, com Fernando Dias Paes, Carlos Pedroso, Rodrigues Arzão e Bartholomeu de Siqueira, descobriram as riquezas occultas nos serros de Minas-Geraes; que, com Bartholomeu Bueno, Paschoal Moreira Cabral e os irmãos Paes de Barros, devassaram os sertões de Goyaz e de Matto-Grosso, revelaram aos estrangeiros attonitos a opulencia do sub-sólo brasileiro e garantiram a integridade do territorio nacional nas fronteiras bolivianas do Guaporé; que, com Pedro Leme e Mendes Paes, affirmaram e restabeleceram os nossos direitos sobre extensos territorios em Yguatemy; que, com Costa Cabral, foram a Lisboa levar riquissimos presentes ao rei, declarando-lhe que *quem vem dar não recebe favores*; e de tantos outros sertanejos illustres que deram aos monarchas portuguezes *mais provincias de que elles possuiam cidades* e despejaram nos toneis sem fundo da metropole mais thesouros do que os trazidos pelo afamado commercio de especiarias das Indias Orientaes.

II

De 1532 até 1720, durante perto de dois seculos, a liberdade individual dos cidadãos republicanos paulistas, o seu espirito de iniciativa e de empreendimentos e o seu gosto pelas aventuras dos sertões des-

conhecidos tinham-se firmado e desenvolvido em ausência das medidas restrictivas de um governo local, acanhado, mesquinho e suspeito, que ainda não existia; e a acção governamental emanada de Lisboa e do Rio de Janeiro, por falta de uma bem combinada hierarchia administrativa, que só mais tarde appareceu, ia perdendo a intensidade de seus effeitos á proporção que se distanciava do seu ponto de partida e quasi não se fazia sentir na periphéria.

Foi esta época especialmente caracterizada pela extensão da liberdade individual e pela realidade da autonomia municipal e fórma por estes motivos o periodo aureo da historia colonial de S. Paulo.

Fóra da influencia immediata da acção deleteria do governo colonial, aquellas famosas gerações de audaciosos bandeirantes, de imperterritos sertanejos, não tinham para os seus actos outras restricções e outros incentivos mais do que os estímulos de um brio levado ao extremo, a sua proverbial honradez, o sentimento da sua dignidade individual, a consciencia do seu valor pessoal, o gosto cavalheiresco pelas arriscadas aventuras nos mysteriosos sertões do interior e a nobre ambição da independencia pessoal pela riqueza bem adquirida.

«Os paulistas, dizia um capitão-general, segundo a «minha propria experiencia, são grandes servidores de «Sua Magestade. No seu real nome fazem tudo quanto «se lhes ordena, expõem aos perigos a propria vida, «gastam sem difficuldades tudo quanto têm e vão ao «fim do mundo sendo necessario.

«O seu coração é alto, grande e animoso; o seu «juizo grosseiro e mal limado, mas de um metal muito «fino; são robustos, fortes, sadios e capazes de soffrer «os mais intoleraveis trabalhos. Tomam com gosto o

«estado militar, offercem-se para acommetter os perigos e facilmente se armam e fardam a sua custa».

Este esplendido retrato graphico dos paulistas, feito por D. Luiz Antonio de Souza, applicava-se sómente áquelle resto da fidalguia da terra que ainda *vivia nos povoados e tinha toda a civilidade que se requeria*, porque aquella brilhante nobreza de outrora tinha quasi desaparecido e estavam para sempre passados os tempos heroicos da historia colonial de S. Paulo.

Acreditando, como era proprio do tempo, na origem divina dos reis, os fidalgos paulistas dos seculos XVI e XVII não desconheciam a auctoridade real e rendiam-lhe respeitosa homenagem, dando-se a si proprios o titulo de *leaes vassallos*. Mas, conscientes dos seus direitos e do seu valor moral como cidadãos, correspondiam-se com os reis de Portugal, escreviam-lhes cartas, davam-lhes conselhos e opiniões sobre as necessidades da colonia, enviavam-lhes embaixadas e faziam-lhes valiosos presentes.

Em troca dos seus grandes e custosos mimos recebiam daquelles reis cartas de agradecimentos, firmadas pelo real punho, e uma commenda de Christo com a modesta tença de 50\$000 por anno, não como remuneração pelo muito que tinham feito, mas como o reconhecimento, a confissão, de que os serviços prestados haviam sido recebidos com muito especial agrado.

Amador Bueno da Ribeira, comquanto não tivesse sido o *primus inter pares* na nobreza da capitania naquelles tempos, visto que outros havia, como Lourenço Castanho Taques, João Pires e Fernando Dias Paes, que valiam como elle, rejeita lealmente a corôa de rei de S. Paulo que lhe é offerecida pelo povo capitaneado pelos hespanhóes Rendons, encartados na sua familia,

aconselha aos seus patricios a reconsideração deste acto imprudente, recommenda a fidelidade ao soberano legitimo, recolhe-se a um convento para fugir á acclamação popular e passa á posteridade como a mais perfeita personificação do brio, do cavalheirismo, da lealdade e da proverbial honradez da velha fidalguia paulista.

Honrosas tradições e saudosas memorias são tudo quanto resta daquellas brilhantes gerações, que foram objecto da admiração dos proprios estrangeiros que, como Saint Hilaire, se occuparam com a historia do Brazil, e ainda hoje quando queremos classificar a rija tempera de um robusto caracter dizemos: — E' UM TYPHO DO VELHO PAULISTA.

III

Com a chegada do governador Rodrigo Cesar de Menezes a S. Paulo, em 1721, começaram as medidas restrictivas da liberdade individual e do direito de locomoção e a exacção rigorosa e vexatoria de pesados impostos, ordinarios e extraordinarios, que foram crescendo sempre sob varias formas, desde o *quinto real* e *bateas* até as *fintas*, as *talhas*, os dos *dez annos*, etc., de que sómente uma pequena parte era applicada nos serviços da capitania, sendo quasi todo o seu producto remettido a Portugal para satisfazer os desperdicios, as orgias e a beata devassidão do rei João V (1) e restaurar a cidade de Lisboa estragada, arruinada e quasi arrasada pelo terremoto de 1755 (2). Foi então que co-

(1) Vide Torres-Homem — *O Libello do Povo*, e Oliveira Martins — *Historia de Portugal*.

(2) O *imposto dos dez annos* para reedificar Lisboa durou quarenta annos, conservando o seu nome.

meçou a decadencia intellectual e moral da capitania.

De S. Paulo passou Rodrigo Cesar a Cuyabá, em 1726, e o que elle fez durante anno e meio que lá esteve se deduz dos seguintes trechos extrahidos de uma chronica inedita daquella época :

«Nomeou logo o capitão-general um provedor para «a Fazenda Real, que entrou a cobrar seis oitavas de «ouro por cabeça, fosse a pessoa que fosse, que eram «os quintos que se deviam a El-Rei ; as entradas das «fazendas que vinham de povoado a oito oitavas de «ouro por cada fardo, cinco oitavas pelas cargas de «molhados e quatro oitavas por negros e indios, que de «todos se pagavam sem excepção.

«Quando vinham monções de povoado ia um ajudante do palacio com uns tantos homens na sua companhia a buscar-as na barra do rio Cuyabá para pagarem os direitos das entradas das fazendas que traziam. Si os não pagavam logo punham-se-lhes as fazendas em praça, onde se as arrematavam todas as vezes que cobriam os direitos reaes e os salarios do ajudante e de seus companheiros, que foram buscar-as, que eram a duas oitavas de ouro por dia a cada um delles. Em tal forma se executava isto que chegaram muitos a entregar as carregações que traziam e por barato de se verem livres dellas para não incorrerem em maiores penas.

«Entrou com isto o povo a bromar as minas em consternação ; a terra estava falta de mantimentos, as roças brotavam sem espigas ou com espigas sem grãos ; morriam de doenças actuaes os que escapavam da fome e eram tudo miserias, queixas, lamentos, gemer, chorar e morrer (1).

(1) Vide *Chronicas do Cuyabá*, publicadas neste mesmo volume.

«Foram sempre estas as ajudas de custo com que se fundaram as povoações do Brazil».

O mesmo chronista, que nos faz esta triste narrativa dos soffrimentos dos habitantes de Cuyabá com a tyrannia do governador Rodrigo Cesar, accrescenta que aquelles povos haviam resolvido abandonar a povoação e as minas e emigrar para S. Paulo e para as novas minas de Goyaz afim de se subtrahirem a tantos padecimentos, e que não o fizeram por causa de um certo milagre que se déra na egreja Matriz de Cuyabá e que os mesmos habitantes, crentes até a superstição, interpretaram como uma reprovação divina do plano de exodo em massa que tinham concebido e que tratavam seriamente de executar.

Emquanto os cuyabanos pensavam na emigração em massa para escaparem da tyrannia do fisco colonial portuguez e os paulistas iam se transformando pouco a pouco de cidadãos civilisados em animaes selvagens pela vida agreste que começavam a adoptar, era Rodrigo Cesar, despota e assassino dos irmãos Leme, substituido no governo da capitania por Caldeira Pimentel, réles gatuno dos dinheiros do proprio fisco colonial e assassino premeditado do notavel sertanejo João Leite da Silva Ortiz (1). Os negocios publicos continuaram descuidados, o militarismo local e o despotismo colonial não diminuíram de intensidade e a decadencia intellectual e moral da capitania ia sempre em augmento.

O conde de Sarzedas, individualidade mediocre e governador de 1732 a 1737, não imprimiu nenhuma

(1) Vide *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, e Anexo B do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

feição especial na sua administração e morreu inesperadamente no sertão, em viagem que, por ordem do governo portuguez, fazia para as minas de ouro de Goyaz.

No interregno de dois annos que se seguiu esteve a capitania inteiramente debaixo do governo, civilmente desastrado, de Gomes Freire de Andrade, futuro conde de Bobadella, que não lhe trouxe beneficio algum e diminuiu a sua importancia pelo desmembramento dos territorios de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, que foram annexados ao Rio de Janeiro, de que o mesmo Gomes Freire era capitão-general (1). Este facto, que se deu em 1738, privando S. Paulo do dominio dessa extensa região, de modo algum não livrou os paulistas dos trabalhos da sua defesa contra os continuados ataques dos hespanhóes do Rio da Prata.

D. Luiz Mascarenhas, governador de 1739 a 1748, sem conseguir inocular vida nova na capitania durante os nove annos do seu activo governo, prestou-lhe contudo alguns bons serviços, regulando a mineração do ouro e a concessão de terras devolutas nos sertões de Goyaz e defendendo com energia as nossas fronteiras continuamente invadidas pelos governadores de Minas-Geraes. Foi por isto mesmo demittido do cargo de capitão-general de S. Paulo a conselho de Gomes Freire (2),

(1) No vol. II da *Revista* do Instituto, no meu trabalho sobre as *Divisas do Paraná e Santa Catharina*, tive occasião de explicar este acto do conde de Bobadella pelas necessidades da politica internacional.

(2) Vide vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo e Questões de Divisas entre S. Paulo e Minas*, por A. P., em que se affirma com base que D. Luiz Mascarenhas foi retirado do governo de S. Paulo por influencia de Gomes Freire, porque se oppunha ás invasões dos mineiros sobre o territorio paulista.

e nomeado vice-rei da India, enquanto da capitania eram desmembrados os vastos territorios de Goyaz e de Matto-Grosso para formarem novas capitancias, e era supprimido o governo autonomico de S. Paulo e annexado ao Rio de Janeiro o pouco territorio que restava da vasta capitania de outrora.

Ao ciume e á animosidade do conde de Bobadella contra os paulistas e á sua má vontade, sempre manifestada contra esta capitania (1), se devem estes desmembramentos, e aos seus dezeseite annos de desgoverno civil se póde attribuir o estado de selvageria em que D. Luiz Antonio de Souza viu encontrar os paulistas, em 1765, e que descreveu em carta dirigida ao marquez de Pombal, da qual ficaram acima transcriptos alguns periodos.

O seguinte documento, relativo ao fraccionamento da capitania de S. Paulo, confirma as minhas asserções e não é conhecido dos paulistas :

«Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné, etc. — Faço saber a vós Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão-General da Capitania do Rio de Janeiro, que se viu a vossa carta de «14 de Novembro do anno passado, em que *insinuaveis* «que estaveis de partida para a Capitania de S. Paulo

(1) Esta má vontade do conde Bobadella contra os paulistas resalta de muitos actos seus sem explicação razoavel. A demissão de D. Luiz Mascarenhas foi um delles. Aconselhára elle ao governo de Lisboa que transferisse para o governo de Minas-Geraes os territorios de Goyaz e de Matto-Grosso, a que não accedeu aquelle governo porque as razões dadas não eram boas, preferindo annos depois erigir aquelles territorios em capitancias autonomicas, conforme alvitre depois lembrado pelo mesmo Gomes Freire.

«conforme a via de successão daquelle governo e que
«seria util estivesse debaixo de um só mando toda a ma-
«rinha e costa do sul da dita Capitania até a Colonia
«do Sacramento, e que para se acudir á conservação da
«mesma Colonia e estabelecimento do Rio de S. Pedro
«era preciso fortificar-se na ilha de Santa Catharina
«algum ponto onde com segurança se refugiassem as
«nossas embarcações, e que as minas de Goyaz e Cuya-
«bá e mais deccobertas deviam ter um governador par-
«ticular, ficando subordinado ao de Minas-Geraes, e visto
«o mais que me expunheis: Fui servido determinar por
«resolução de cinco deste presente mez e anno, em
«consulta do meu Conselho Ultramarino, que o briga-
«deiro José da Silva Paes passe logo á ilha de Santa
«Catharina e faça nella uma fortificação, a qual elle
«entender ser capaz para a sua defesa, procurando
«evitar nella tudo quanto lhe for possivel a maior des-
«pesa; e attendendo a que desse porto do Rio de Ja-
«neiro devem sahir todos aquelles soccorros e ordens
«que se fizerem precisos para a defesa da nova colonia
«e ajuda do novo estabelecimento do Rio de S. Pedro
«do Sul, sendo conveniente que fiquem todos os loga-
«res da marinha debaixo de um só mando: Fui outrosim
«servido separar desde logo do Governo de S. Paulo e
«unir ao desse do Rio de Janeiro a dita ilha e o Rio
«de S. Pedro; e no que respeita a divisão e novo go-
«verno dos Goyaz que apontais, como no meu Conselho
«Ultramarino não ha os mappas precisos para ella se
«fazer com acerto e vós passaes ao governo de S. Paulo,
«vos ordeno informeis com o vosso parecer da divisão que
«deve ter o governo da marinha do de S. Paulo, e si se
«deve mudar para os Goyaz, ficando tambem dentro
«nelle as minas do Paranapanema e Cuyabá, declarando-
«vos que ao brigadeiro José da Silva Paes e ao Padre

«Diogo Soares mando tambem ouvir sobre a dita di-
«visão. El-Rei Nosso Senhor o mandou pelo doutores
«José Ignacio de Arouche e Thomé Gomes Moreira,
«conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou
«por duas vias. Manoel Pedro de Macedo Ribeiro a fez
«em Lisboa Occidental aos 11 de Agosto de 1738. —
«O Secretario Manoel Caetano Lopes de Lavre a fez
«escrever. — *José Ignacio de Arouche.* — *Thomé Gomes*
«*Moreira*».

Gomes Freire, governador interino de S. Paulo, em 1737—39, nos arrancou Santa Catharina e Rio Grande do Sul e aconselhou ainda que Goyaz e Matto Grosso fossem dados á Minas-Geraes. Em 1748 conseguiu que D. Luiz Mascarenhas sahisse do governo de S. Paulo, que Goyaz e Matto-Grosso ficassem separados em capitánias especiaes, uma vez que por conveniencias da occasião não podiam ser annexados a Minas-Geraes, e que S. Paulo e Paraná ficassem unidos ao seu governo do Rio de Janeiro (1).

Foi o *carrasco* da capitania de S. Paulo, e governou os paulistas por intermedio de um delegado militar, o coronel Alexandre Luiz de Souza Menezes, commandante das fortalezas de Santos, que nada entendia de governo civil e da distribuição da justiça. Foi então

(1) Gomes Freire segundo o historiador Varnhagen, foi o maior politico que governou o Brazil colonial; porém, absorvido pela politica internacional, a sua administração em S. Paulo foi desastrosa.

O coronel Alexandre Luiz de Souza Menezes, seu delegado, era militar e só cuidou em guerras, deixando perecer a justiça. O arbitrio, a venalidade, a prevaricação e o suborno tomaram o lugar do direito e da justiça em S. Paulo durante o seu governo e os soffrimentos dos paulistas foram intoleraveis.

que os paulistas se barbarisarem de uma vez, conforme relatou D. Luiz Antonio de Souza, porque o militarismo não diminuiu de intensidade e a justiça e o direito desapareceram da extinta capitania até 1765, quando ella foi restaurada e D. Luiz Antonio veio governal-a (1).

IV

A administração deste illustre estadista, geralmente conhecido pelo titulo de «Morgado de Matheus», representa dez annos de energicos esforços empregados na defesa das nossas fronteiras com Minas-Geraes, sempre invadidas pelos governadores daquella capitania (2), e de inuteis tentativas para reanimar o amortecido espirito dos bandeirantes.

Alguns notaveis lances de intrepida coragem e de pacientes dedicações ainda illustraram a historia paulista desse tempo com as expedições de Silveira Peixoto e Bruno da Costa Silveira no rio Yguassú, de Antonio Correa Pinto nos sertões de Lages, de Candido Xavier de Almeida e Souza nos campos de Guarapuava e de João Martins Barros nos pantanos pestilentos de Yguatemy; porém estas explorações, comquanto de algum interesse e valor politico para o paiz, serviram na occasião para justificar a pratica das mais inauditas violencias contra as classes desfavorecidas da fortuna, para afugental-as ainda mais para os sertões e para trazer

(1) A supressão da capitania de S. Paulo foi da parte de Gomes Freire um erro grave que o seu successor, conde de Cunha, tratou de reparar apenas tomou posse do cargo de vice-rei, e o conseguiu restaurando a capitania em 1765.

(2) Vide vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

o total desbarato das já arruinadas finanças da capitania (1).

De 1775 a 1782 seguiram-se os sete annos de governo brutalmente tyranno, soberanamente incapaz e grosseiramente calumniador e mentiroso de Martim Lopes Lobo de Saldanha, tristemente celebre pela quasi demencia do proprio capitão-general, pelas borracheiras e indignidades do seu proprio filho Antonio Lobo, pelas devassidões do pae e filho, pelos vergonhosos desastres militares de Santa Catharina e de Yguatemy, pela reacção desenfreada contra os feitos do seu antecessor, pela perseguição desenvolvida contra os auxiliares do governo anterior, pelo odioso assassinato do infeliz Caetaninho e por mil outros desvarios, que trouxeram a sua demissão por denuncia formal do bispo D. Manoel da Resurreição (2), que assim livro os paulistas deste monstro abominavel, emquanto a capitania ficava em estado de maior decadencia, o seu povo ainda mais disperso e mais selvagem e o militarismo no auge do seu desenvolvimento (3).

Passando em silencio por cima do governo transitorio e incolôr de Cunha Menezes, que veiu a S. Paulo esperar quatro annos pela sua promoção a vice-rei das Indias Orientaes, e da ephemera e nulla administração de Raymundo Chichorro, chegamos ao soffrivelmente longo *reinado* do fidalgo D. Bernardo José de Lorena, que se inaugurou em 1788 e durou até 1797.

(1) Vide vols. V a IX da obra citada.

(2) Vide *Apontamentos Historicos*, de Azevedo Marques, *Quadro Historico*, de Machado de Oliveira, e *Correspondencia de Martim Lopes*, vol. XXVIII do *Archivo* citado.

(3) Vide adeante o *Plano para a remessa de tropas para o Sul*, em que se diz que em 1777 S. Paulo armou 6.000 homens para a defesa das fronteiras do Sul.

Comquanto não fosse destituida de merito a sua administração, pela circumspeção do mentor que se lhe tinha imposto, e muitos melhoramentos materiaes tivessem sido planejados e realisados, comtudo a maior fama deste jovem fidalgo, reputado por muitos como um rebento illegitimo do rei D. José, lhe foi adquirida pelo seu espirito folgazão, pela sua apparencia de *dandy*, por suas inclinações a *galan* e pela sua pericia em saltar muros dos quintaes das casas de familias respeitaveis desta cidade, — ababilidade esta que lhe custou bons sustos e melhores surras de chicote e produziu a morte de um alferes e de um capitão pessoalmente ofendidos na honra de suas familias por este leviano e perverso delegado do governo portuguez em São Paulo (1).

Seguiram-se cinco annos de governo contradictorio e incoherente de Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, appellidado *O Pilatos*, que a par da bôa vontade manifestada na sua administração, de 1797 a 1802, e dos muitos melhoramentos materiaes que realisou com grande utilidade para a capitânia, tinha a paixão, a mania, das pompas militares e para satisfazer a sua vaidade concentrava nesta capital todos os corpos de milicia, fardados a custa dos seus commandantes e sustentados pela caridade publica, só para ter o prazer de vestir-se de grande gala e passar-lhes revista nos dias de festa real ou religiosa, esquecendo-se entretanto de pagar-lhes os soldos que estavam atrazados de varios annos, mas lembrando-se de fazer seguir para Santa Catharina as forças de guarnição de Santos e para o

(1) Vide vol. XII do *Archivo* citado, *NOTA in fine*, pag. 152, e *Biographia de José Manoel da Fonseca Leite* no vol. II da *Revista* do Instituto.

Rio Grande do Sul as brigadas de artilharia e de cavallaria de S. Paulo, para prevenir qualquer eventualidade que pudesse resultar da curta guerra trovada entre os hespanhóes e portuguezes, em 1800 (1).

Antonio José da Franca e Horta, que governou a capitania pe 1802 a 1811, foi um espirito mesquinho, friamente perverso e intrigante, e estabeleceu a espionagem official nos quartéis e nas casas particulares como meio regular de governo, pelo que foi justamente cognominado pelos paulistas *O Mexeriqueiro*. A' intriga, ao enredo e á calúnnia que introduziu nas casas de familia e nos quartéis juntou a violencia dos recrutamentos em massa, nos dias de festas publicas, dentro das egrejas, em toda a parte, para a organização de novos corpos militares que se faziam necessarios para

(1) Tratando da necessidade de serem pensionadas as viúvas dos militares, o capitão-general Mello Castro, em officio de 1º de Março de 1800, dirigido ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, diz o seguinte :

«Ordinariamente não acham os militares casamento de melhor fortuna, porque logo que entram no Real Serviço são reputados como homens sem estabelecimentos, a quem nenhum pae sensato quer entregar a filha para não passar pela desgraça de a ver pela morte do marido representar uma scena triste e muitas vezes escandalosa, e por esta razão a maior parte dos casamentos que fazem os ditos militares não são lucrativos, como podiam ser, vivendo por consequencia unicamente dependentes do seu soldo, o que não aconteceria si as suas consortes, em falta dos maridos, ficassem remediadas e soccorridas por cujos motivos reputariam os paes um casamento destes com um estabelecimento solido e constante».

Passavam-se annos e annos sem pagar o soldo dos officiaes e soldados e não se dava pensão ás suas viúvas!

A *Correspondencia* de Mello Castro, vols. XXIX e XXX do *Archivo de S. Paulo*, é interessante e muito honrosa para elle.

a realização da politica interventora de D. João VI no Rio da Prata, os quaes soffreram nos campos do Sul varios annos de fadigas, de fome e de miserias de todas as sortes.

Invejoso de Martim Francisco e de alguns outros paulistas de merito, enredava-os perante o governo portuguez; fraco ou deshonesto, prohibiu aos paulistas a navegação de cabotagem e entregou todo o commercio da capitania a uma meia duzia de felizes negociantes de Santos, com grande prejuizo da nascente lavoura paulista e total ruina do commercio dos outros portos da capitania; e, finalmente, desconceituado pelo proprio governo de que era delegado, retirou se de S. Paulo tão odiado por suas violencias, como despresado por seu character baixo, insolente e intrigante.

Seguiu-se até 1813 o governo ephemero e fraco de Luiz da Silva Telles, marquez de Alegrete, que não deixou nos registros do Archivo Publico nenhum traço da sua administração, ou porque ella fosse toda verbal ou porque «se ressentisse da inactividade perenne do capitão-general, que constantemente se achava em um leito de dores, atormentado por seus soffrimentos physicos».

De Agosto de 1813 até Dezembro de 1814 governou a capitania um triumvirato provisorio, composto do bispo D. Matheus de Abreu Pereira, do ouvidor Nuno Eugenio de Lossio Seilbez e do intendente de marinha Miguel José de Oliveira Pinto, cujo unico acto de importancia foi remetter para as fronteiras do Sul mais um corpo de milicianos paulistas, sob o commando do coronel Lazaro José Gonçalves, que foi partilhar com os outros corpos, que lá estavam havia já annos, dos trabalhos da guerra contra os castelhanos, da fome e da miseria resultantes da escassez e má qualidade

dos alimentos e da falta de pagamento dos seus soldos.

De 1814 a 1817 governou São Paulo o fidalgo D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma, que praticou algumas boas acções tendentes a melhorar alguns ramos do serviço publico; porem, a guerra no Sul continuava com pequeno intervallos e attrahia toda a attenção dos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para sustental-a novos corpos de milicianos foram organisados aqui e em Corytiba e remettidos para o Sul, de modo que, em 1816, as forças paulistas no Rio-Grande subiam a mais de TRES MIL HOMENS, sem contar os que lá tinham fallecido pela guerra, pelas doenças e pelo rigor do clima.

Tendo-se seguido destas guerras a conquista de Montevideo pelos brasileiros e a sua annexação ao Brazil com o nome de *Provincia Cisplatina*, houve necessidade de serem conservadas no Sul todas as forças paulistas para que fossem mantidas a tranquillidade publica e a segurança das conquistas realisadas. Só em 1829, depois que aquella provincia, rebellada em 1825 e sustentada pelas armas argentinas, se tornou independente com o nome de *Republica Oriental do Uruguay*, foi que voltaram aos seus lares os soldados paulistas, que estiveram auzentes por espaços de tempo que variaram de treze a vinte annos de constante e penoso serviço.

Assim vemos que para conveniencias da administração colonial foram em varios tempos desmembrados da capitania de S. Paulo os territorios de Santa Catharina, do Rio Grande do Sul, de Goyaz e de Matto-Grosso e foi mesmo por dezeseite annos supprimida esta capitania, e entretanto para defender os territorios do Sul, e povoar os do centro como Lages e Yguatemy,

se recorreu a S. Paulo para que fornecesse em todos os tempos as tropas necessarias.

Ainda mais: enquanto sobre os fortes hombros dos paulistas pesavam os rudes serviços militares nas frias campinas do Sul e nos quentes e humidos climas dos sertões do Oeste e do Norte, perseguia-os em toda a parte e em todos os tempos o terrivel flagello da fome e da nudez pela má qualidade e carestia dos generos alimenticios e pelo atraso de annos e annos no pagamento dos minguados soldos que percebiam.

O escravo, inconsciente pela mais supina ignorancia, embrutecido por um rigoroso captiveiro e forçado a trabalhar gratuitamente para o seu senhor em pagamento do preço que lhe havia custado, tinha intervallos lucidos de conhecimento de seus direitos naturaes e praticava terriveis reacções contra os espoliadores daquelles direitos; porem, a justiça humana, imperfeita e parcial, era sempre pelo direito constituido e o escravo pagava caramente a velleidade de ter por um momento pensado que não era uma cousa, mas um homem.

Assim tambem o soldado paulista, homem livre e conscio dos seus direitos, rebellou-se por mais de uma vez contra o despotismo colonial, que o obrigava a pesados serviços militares sob promessas sempre violadas de pagamento dos seus minguados soldos; porem, a justiça humana, sempre imperfeita e parcial, era ainda em favor do forte contra o fraco e o soldado rebelde pagava caramente a pretensão de ter querido tornar realidade, em relação á sua pessoa, o preceito divino de se pagar o jornal de quem trabalha.

E porque uma destas rebelliões militares exerceu grande influencia sobre a historia paulista no periodo critico da formação da nossa nacionalidade, tomal-a-ei

para assumpto de uma outra chronica, que será intitulada *O Supplicio do Chaguinhas*.

Então terei de dizer alguma cousa sobre o caracter e a politica do general João Carlos de Oeynhausen, o ultimo dos capitães-generaes de S. Paulo, e darei tambem uma noticia sobre cada um dos membros do Governo Provisorio e dos principaes auctores da burlesca revolução conhecida pelo appellido de *A Bernarda de Francisco Ignacio*. E' o levantamento que estou fazendo de mais uma ponta do espesso véo que ainda occulta os soffrimentos seculares que atormentaram tantas gerações e fizeram com que os paulistas genuinos abraçassem com ardor e enthusiasmo o movimento da independencia, aliás já amadurecido na consciencia dos brazileiros depois da prematura e mallograda tentativa dos *Inconfidentes* de Minas-Geraes.

S. Paulo, 20 — 6 — 99.

A. DE TOLEDO PIZA.